

**“AGENTE FAZIA O QUE GOSTAVA E GOSTAVA DO QUE FAZIA”:
IDENTIDADES, PRÁTICAS DO ESPAÇO E RELAÇÕES DE GÊNERO NOS
FORRÓS EM BARAÚNA - PB**

JANIELLY SOUZA DOS SANTOS¹

Na busca incessante de abraçar um desejo², prendê-lo a minha vida, adentrei uma sala regida pelos acordes de um fole, a embalar movimentos de homens e mulheres de gerações diversas. Nas práticas do espaço observei negócios e prosas se desenrolarem no ‘botequim’ improvisado para aquela noite; no bailar do salão rapazes e moças iniciavam os ritos do namoro; para os namorados/noivos comprometidos há algum tempo, os planos para o casamento podiam ser anunciados naquele espaço; mais a fundo, na cozinha, algumas senhoras, mães de família, ao som do ‘tocadô’ e ao cheiro do café colocavam as conversas em dia.

Estas cenas e cenários se colocam aqui carregados de emoções a partir de memórias de sujeitos que experimentaram estas práticas do espaço no município de Baraúna – PB, nas décadas de 50 e 60 do século XX. Experiências do vivido produzidas diante de aparatos culturais de uma coletividade em uma temporalidade, e também por práticas de subjetivação individuais. Como nos atenta REIS (2009), “para indivíduos diferentes e mesmo para o mesmo indivíduo em condições diferentes, minutos, horas e dias metricamente idênticos não são vividos como iguais”³. Neste âmbito, o tempo não atua igualmente nos diferentes sujeitos que o praticam, um mesmo sujeito pode ter possibilidades de praticá-lo de maneiras diversas, dependendo das sensibilidades que se colocam a sua volta.

Nesta perspectiva, analisar a construção histórica e identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais dos forrós⁴ no espaço em questão pressupõe uma

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

² Desejo no que concerne a empatia com o tema, a pesquisa, bem como, a constituição da dissertação de mestrado.

³ REIS, José Carlos. Tempo e História: Entre o tempo cosmológico e o tempo da consciência, o tempo histórico: um “terceiro tempo”? In: _____. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 64.

⁴ No sentido de baile, samba, a festa em si, que tinha como principal instrumento o fole ou a sanfona.

reflexão sobre a temporalidade escolhida, as formas de problematização e de trazê-la junto à produção deste trabalho.

No tocante a ter acesso a essa temporalidade, com o objetivo de problematizar as construções históricas deste período, principalmente no que concerne às relações de gênero, recorreremos a narrativas orais e de memórias.

No trabalho com narrativas orais, do ponto de vista metodológico, num primeiro momento, convém observar que, os jovens de outrem produziram múltiplas identidades, que os adultos ou idosos de hoje negociam, construindo um complexo emaranhamento de significações, para si e para as narrativas que se inscrevem. Partindo desta perspectiva, DELGADO (2006) nos atenta, ao afirmar que “[...] entre os muitos desafios da história oral, destacam-se portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou ancião do tempo presente.”⁵

Neste âmbito, convém fazer emergir a narrativa do senhor J.G.S. sobre o pagamento pelo divertimento e/ou lazer⁶, especificamente nos forrós, possibilitando algumas reflexões,

“Não, só pagava os zome, mulé não. Mulé vei pagá festa aqui quisso é muito errado, viu. Olha é muito errado esse negócio de numa festa [...] eu quero vê qual a festa que funciona sem tê mulhé. Num tem não, porquê inté mesmo uma currida de gado só vai se tive mulhé, né não?”

Na narrativa citada acima, é possível observar que este senhor negocia os usos das temporalidades a partir de um lugar socialmente estabelecido. Ele na sua fala produz uma comparação de temporalidades distintas a partir de seu lugar hierárquico de provedor do divertimento. Deste modo, é importante refletir que nos usos das narrativas de memória confluem temporalidades diferentes.

As narrativas orais enquanto fruto de experiências criam relações entre o passado e o presente; na medida em que o sujeito é transformado pelas experiências que

⁵ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.12.

⁶ “O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.34.

vivenciou e vivencia não pode narrar o passado como ‘realmente foi’⁷, e por isso suas narrativas não devem ser apreendidas como ‘a verdade’, mas como possibilidades de análises.

Pensar a história, nesta concepção, é percebê-la como arte inventada por sujeitos que atuam no cotidiano, construindo saberes e significando-os em meio às metamorfoses que as experiências gestam. A história, neste campo de análise, emerge também como fabricação dos sujeitos, a partir de suas narrativas, sejam elas escritas ou orais. Neste âmbito, o homem ao falar sobre si, narrar sobre si e sobre o(s) outro(s) pretende ascender ao verosímil. O historiador e seus depoentes, neste sentido, narram, de formas diferentes, a si e aos outros, a partir de suas significações sobre o mundo, sobre a(s) cultura(s) que lhe cercam, contribuindo na construção histórica.

Neste campo de ação, a história oral entra em cena enquanto arte, que se constrói pela própria “arte do dizer” e por suas análises, fazendo com que um leque de possibilidades se abra a leitura de corpos masculinos e femininos nos forrós. No momento em que os sujeitos narram trajetórias, ações, valores, atores e enredos, acabam por (re)construir cenários de experiências, que os formaram e transformaram.

As memórias, neste campo de reflexão, devem ser percebidas pelas multiplicidades, sujeitas a constantes deslocamentos, seja, pelo narrador que faz uso da oralidade, seja, pelo historiador que faz uso da escrita. Ambos os personagens se colocam como sujeitos múltiplos das memórias.

O historiador, neste espaço de movimentação, assume outro papel, o de ‘colonizar’⁸ as memórias através da escrita; e esta atuação exige muitos cuidados, pois os códigos escriturísticos podem deixar à margem os gestos e as afetividades que permeiam as memórias, que emergem pela oralidade.

No seguimento deste caminho rumo à construção de um trabalho histórico sobre os forrós e as relações de gênero, convém ainda pensar o uso das sensibilidades na História. No momento em que a História Cultural trouxe para os domínios da História a problemática das subjetividades, as sensibilidades passaram a ser preocupação do historiador. São através delas, e de uma re-educação do olhar dos historiadores que os

⁷ “Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação.” ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005. p. 167.

⁸ No sentido de instituir documentação, domesticar o passado.

sentimentos, afetividades de uma temporalidade muitas vezes já escoada podem emergir, juntamente com os códigos e valores que fizeram parte de um cotidiano passado de uma coletividade/individualidade. PESAVENTO (2005) nos propõe que “as sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada.”⁹

As sensibilidades que se exprimem em gestos, palavras, imagens, sentimentos, estão intimamente ligadas às memórias¹⁰, e ambas ao serem narradas proclamam um outro tempo e um outro no tempo, proclamam ainda “um espécie de leitura da alma.”¹¹ Leituras que nos ajudam na produção deste trabalho.

Neste sentido, é interessante percebermos alguns conceitos em CERTEAU (2007). Primeiramente podemos refletir o de lugar e o de espaço.¹² O lugar estaria para o instituído, o planejado. O forró enquanto baile a ser realizado é um lugar. Já o espaço se configura em lugar praticado, jogo das relações mutáveis. Os usos do forró pelos sujeitos que o produzem, o transformaram em espaço, em lugar praticado, onde o inesperado, muitas vezes, impera.

Somando a aos conceitos de lugar e espaço CERTEAU (2007), ainda nos propõe os conceitos de estratégia e tática¹³. A estratégia está para o instituído, à procura de postular um lugar, um lugar de poder – um código comportamental que se procura efetivar. Já a tática está para um não-lugar, para jogar com o que lhe é imposto, o terreno do outro – a quebra de códigos comportamentais, mesmo que de maneira sutil. É o que podemos perceber na narrativa da senhora J.M.N.

“Eu era meia sapeca, aí o cavaleiro que eu não gostava de dançar com ele, eu pisava nos pés dele pra ele num chamar nunca mais eu, porque eu tinha um namorado, né, aí o meu namorado num gostaria que eu dançasse com outros, mas tinha que í... o cavaleiro chamasse a pessoa, a pessoa tinha que í, né, aí o

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 agosto 2010.p. 2.

¹⁰ Aqui memória aparece como um conceito plural, podendo ser proclamada por um cheiro, um som, uma roupa, uma fotografia etc.; possibilidades de pensar as experiências do vivido.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 14.

¹² CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 201-103.

¹³ Idem, p. 97-102.

meu namorado num gostava que eu fosse dançá cum outro, aí então eu fazia isso, quera pra só pra dançá cum meu namorado, né.”

Esta experiência narrada, além de nos possibilitar uma reflexão acerca dos conceitos de estratégia e tática, demarca papéis e relações de gêneros nos forrós. O que nos leva a necessidade de problematização do conceito de gênero.

Pensar os estudos de gênero no cenário da historiografia brasileira contemporânea é nos debruçarmos sobre um terreno rico em reflexões, na medida em que busca problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da categoria de gênero e da dimensão relacional que ela abrange.¹⁴

Neste campo reflexivo RAGO¹⁵ (1998) nos atenta para a necessidade de problematizarmos as diferenças instituídas entre os gêneros, masculino e feminino, como fruto de construções históricas e culturais. MATOS¹⁶ (1998) analisa também esta possibilidade de reflexão, acrescentando a ela a observação de que estas diferenças não estão localizadas num ponto fixo – o masculino –, mas que estão presentes nas tramas históricas.

Diante destas considerações, problematizar a consolidação identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais, refletindo os lugares atribuídos historicamente ao homem e a mulher nas décadas de 50 e 60 do século XX em Baraúna – PB envolve esta possibilidade de desnaturalização das diferenças. Envolve ainda a dimensão relacional do gênero, na medida em que a sociabilidade cultural favorece a intensificação dos relacionamentos e das práticas de diferenciação.

Partindo da perspectiva, que há uma busca de problematizar a construção identitária dos gêneros no processo de sociabilidade cultural, convém ainda analisar o conceito de identidade. Em um primeiro momento, é interessante perceber que a identidade, assim como o gênero, não se propõe exatamente pela afirmação da unidade,

¹⁴ Nesta perspectiva “um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.” In: STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007. p.16.

¹⁵ RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-98.

¹⁶ MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

mas no contexto das diferenças. De acordo com HALL (2000), “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.”¹⁷ Num segundo momento, assim como na categoria de gênero, é na relação com o outro que a identidade pode ser construída.

Deste modo, na relação homem e mulher, e na construção das diferenças destes gêneros está presente o processo identitário. Historicamente vai se produzindo propostas comportamentais de como se deve ser o homem e de como se deve ser a mulher; nos espaços de sociabilidades culturais não é diferente. Os códigos comportamentais são anunciados pelas diferenças, o gênero masculino deve portar-se de determinada forma – no forró o homem deve pagar a ‘cota’¹⁸ – e o gênero feminino deve portar-se de outra – a mulher no forró não pode dar ‘corte’¹⁹ no cavaleiro. Neste âmbito do relacional e das diferenças a identidade é gestada.

Todavia, a identidade não deve ser percebida sempre como algo fixo, que se quer ajustar. A identidade se coloca também pela fragmentação, pela fratura, pela multiplicidade.²⁰ O homem no forró podia fugir, ou tentar, do mestre-sala, trocando uma peça da vestimenta, com o objetivo de não pagar a ‘cota’; a mulher poderia pisar no pé do cavaleiro para que ele não dançasse mais com ela.

Diante do exposto, trabalhar com as narrativas de memórias sobre os forrós não se consolida em caminho fácil, reto, a ser seguido, mas em trajetórias tortuosas; porém, rica na medida em que estão em jogo os sujeitos sociais e culturais, suas significações sobre si e sobre o mundo que lhes cercou e lhes cerca.

Ao encerra esta discussão coloco em ênfase uma frase de um depoente meu: “Agente fazia o que gostava e gostava do que fazia”²¹, para exprimir o quanto sou

¹⁷ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.110.

¹⁸ Quantia em dinheiro paga pelos homens ao mestre-sala, organizador do forró, destinada a pagar o ‘tocadô’ e/ou sanfoneiro.

¹⁹ “Agora só que tinha uma coisa, que a gente não podia dá corte em cavaleiro, é, se desse um corte num cavaleiro ficava logo num canto de parede, lá [...] que num dançava mais não, tinha que dançá, que gostasse bem, que num gostasse tinha que enfrentar.” (J.M.N.)

²⁰ “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas.” HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.13.

²¹ Fala do senhor J.G.S.

desejosa por esta pesquisa, pela possibilidade de ser, e fazer os outros serem parte da História, de uma narrativa que se inscreve e escreve pelas marcas do vivido.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ORAIS

Entrevista realizada com o senhor J.G.S. (77 anos) na data de 15/10/2007.

Entrevista realizada com a senhora J.M.N. (69 anos) na data de 20/10/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005. p. 155-202.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 agosto 2010.p. 2.

_____. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-98.

REIS, José Carlos. Tempo e História: Entre o tempo cosmológico e o tempo da consciência, o tempo histórico: um “terceiro tempo”? In: _____. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 59-97.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.